

MULHERES CIENTISTAS EM DESTAQUE: REFLEXÃO SOBRE A PRODUÇÃO DAS MULHERES DOCENTES NO CURSO DE ENGENHARIA DE PESCA DA UFRPE ENTRE 2019 E 2021

MUJERES CIENTÍFICAS DESTACADAS: REFLEXIÓN SOBRE LA PRODUCCIÓN DE PROFESORAS EN LA CARRERA DE INGENIERÍA PESQUERA DE LA UFRPE ENTRE 2019 Y 2021

WOMEN SCIENTISTS HIGHLIGHTED: REFLECTION ON THE PRODUCTION OF WOMEN TEACHERS IN THE FISHERIES ENGINEERING COURSE AT UFRPE BETWEEN 2019 AND 2021

SOUZA, JOSÉ MATHEUS MELO DE

Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) e Mestrando em Comunicação pelo PPGCom-UFPE

E-mail: matheussouzasx@gmail.com

LEITÃO, MARIA DO ROSÁRIO DE FÁTIMA ANDRADE

Doutora em Estudios Iberoamericanos pela Universidade Complutense de Madri; Professora Titular da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).

E-mail: mrfaleitao@gmail.com.

RESUMO

A pesquisa propôs-se a analisar e refletir sobre a produção acadêmica de docentes mulheres, na Universidade Federal Rural de Pernambuco, a partir de documentos públicos, divulgados no site dos Departamentos, e os dados públicos dos currículos incluídos na Plataforma Lattes/CNPq, para conhecer qual o lugar das mulheres no desenvolvimento científico e tecnológico, sua inclusão nas políticas públicas e nos diversos espaços acadêmicos. Trata-se de pesquisa qualitativa com coleta de dados documentais e inclusão de dados numéricos. Os pressupostos teórico-metodológicos partem da definição de gênero como um elemento constitutivo das relações sociais, baseadas em diferenças entre os sexos, sugerindo que este conceito seja utilizado como uma categoria útil de análise. Para o estudo qualitativo foram elaboradas categorias de análise a partir dos itens pontuados nos currículos da Plataforma Lattes do CNPq, a fim de conhecer a produção científica de docentes no curso de Engenharia de Pesca, em se tratando das suas formações e categoria docente na instituição, mas, em especial, buscamos para análise os dados de participação em publicações de artigos, da presença em bancas, grupos de pesquisa e orientações. Além disso, buscou-se a divulgação de dados relacionados a questões que envolvem as relações de gênero na história das ciências e da tecnologia, especialmente na UFRPE e divulgar uma parcela da história institucional.

PALAVRAS-CHAVE: : divisão sexual do trabalho; gênero; ensino superior; engenharia de pesca; produção científica.

RESUMEN

La investigación propuso analizar y reflexionar sobre la producción académica de profesoras en la Universidad Federal Rural de Pernambuco, a partir de documentos públicos, publicados en el sitio web de los Departamentos, y de datos públicos de los planes de estudio incluidos en la Plataforma Lattes/CNPq, para conocer el lugar de las mujeres en el desarrollo científico y tecnológico, su inclusión en las políticas públicas y en diversos espacios académicos. Se trata de una investigación cualitativa con recogida de datos documentales. Los presupuestos teórico-metodológicos parten de la definición del género como elemento constitutivo de las relaciones sociales, basado en las diferencias entre sexos, sugiriendo que este concepto sea utilizado como una categoría útil de análisis. Para el estudio cualitativo, se crearon categorías de análisis a partir de los ítems puntuados en los currículos de la Plataforma Lattes del CNPq, con el fin de comprender la producción científica de los docentes de la carrera de Ingeniería Pesquera, en términos de su formación y categoría docente en la institución, pero, en particular, buscamos datos de análisis sobre participación en publicaciones de artículos, presencia en foros, grupos de investigación y orientaciones. Además, buscamos difundir datos relacionados con cuestiones que involucran las relaciones de género en la historia de la ciencia y la tecnología, especialmente en la UFRPE, y difundir una porción de la historia institucional.

PALABRAS CLAVES: *división sexual del trabajo; género; enseñanza superior; ingeniería pesquera; producción científica.*

ABSTRACT

The research proposed to analyze and reflect on the academic production of female professors, at the Federal Rural University of Pernambuco, based on public documents, published on the Departments' website, and public data from the curricula included in the Lattes/CNPq Platform, to know the place of women in scientific and technological development, their inclusion in public policies and in various academic spaces. This is qualitative research with documentary data collection. The theoretical-methodological assumptions start from the definition of gender as a constitutive element of social relations, based on differences between the sexes, suggesting that this concept be used as a useful category of analysis. For the qualitative study, analysis categories were created based on the items scored in the CNPq Lattes Platform curricula, in order to understand the scientific production of teachers in the Fisheries Engineering course, in terms of their training and teaching category at the institution, but, in particular, we seek for analysis data on participation in article publications, presence on boards, research groups and orientations. Furthermore, we sought to disseminate data related to issues involving gender relations in the history of science and technology, especially at UFRPE, and to disseminate a portion of institutional history.

KEYWORDS: *sexual division of labor; gender; university education; fishing engineering; scientific production..*



INTRODUÇÃO

Em *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, Lima Barreto retrata a sociedade brasileira do século XX em seus anos iniciais, lançando luz às incongruências políticas e sociais presentes na realidade nacional. A sátira acompanha o protagonista-título, admirador e, sobretudo, conhecedor do país em aspectos diversos, que busca, incessantemente, elementos tipicamente nacionais para compor sua existência, o que sempre acaba atraindo problemas.

Em meio a suas empreitadas, Policarpo lida com diversas pessoas que têm suas narrativas desenvolvidas com o decorrer da história, uma delas é Ismênia: uma mulher que está em uma relação há alguns anos e aguarda, ansiosamente, a concretização do matrimônio. A temática, aliás, é constante em tudo que a rodeia, pois, conforme a narrativa descreve, a criação dada pela sua família resumiu-se a uma preparação para o futuro ao lado de um marido.

Quando o noivo a abandona, fugindo para outra cidade, Ismênia enlouquece. Isso se deu pelo fato de que apenas o casamento supriria o papel designado para ela e as demais mulheres da época, em realidade ou ficção: casar-se, ser mãe e uma dona de casa simplesmente. Ou seja, o casamento e a maternidade resumiam o sentido da vida para as mulheres.

Nos anos subsequentes à época em que tal livro foi publicado, no entanto, houve avanços no país nesse sentido: o voto, o acesso a postos de trabalho e à Academia, antes destinados à figura masculina somente. É válido pontuar, acerca da situação atual, que, não obstante as conquistas da luta das mulheres por reconhecimento, o *status quo* ainda apresenta fragilidades, no que diz respeito à participação feminina em determinados âmbitos da sociedade.

A exemplo disso, destaca-se a baixa adesão de mulheres aos cursos da área de exatas, atendo-se somente às profissões que seriam especificamente destinadas a elas – uma atualização do passado, pois, se antes uma mulher deveria ser, apenas, um corpo que casa e se reproduz, na contemporaneidade o limite foi expandido, mas ainda existe. O que nos leva a problematizar, sobre quais os mecanismos de convencimento e legitimação social que as orientam nesta direção?

Para esta pesquisa, foi selecionada a área das Ciências Agrárias, mais especificamente, a Pesca. O intuito deste trabalho, nesse caso, é analisar a atuação das professoras que trabalham ativamente no curso de Engenharia de Pesca da Universidade Federal Rural de Pernambuco, em se tratando de suas publicações, orientações, participações em bancas, do segundo semestre de 2019 até o fim do primeiro semestre de 2021.

Este estudo consiste em um recorte de pesquisa iniciada em 2014 pelo Núcleo de Pesquisa-Ação Mulher e Ciência – NPAMC, que se propôs a contribuir no resgate da história das mulheres; relacionar a educação superior às relações de gênero, aportar dados a um campo temático no qual a literatura ainda é insuficiente sobre as mulheres na academia, sobretudo, quando delimitada ao ensino das ciências agrárias, ambiente ainda masculinizado.

A fim de cumprir com o objetivo traçado, a metodologia se revela imprescindível: foram utilizados, como fonte de dados, os currículos das docentes, respectivos à plataforma Lattes. No âmbito teórico, o trabalho está fundamentado em autoras concernentes à epistemologia feminista que se dedicam ao estudo da categoria de análise “gênero”, bem como da sua presença no mercado de trabalho e nas universidades, a exemplo de Scott, Schienbinger, Flontino, Lima e Silva. Trata-se de uma pesquisa qualitativa e documental, que inclui dados quantitativos obtidos na coleta de dados em site da UFRPE e dos Currículos obtidos na Plataforma Lattes, também de acesso público. O período delimitado consistiu em uma ampliação do recorte analisado em outro momento por esta pesquisa, 2014 a 2019 (primeiro semestre). Nesse caso, trata-se do segundo semestre de 2019 ao primeiro semestre de 2021.

Os pressupostos teórico-metodológicos partem da teoria feminista que aborda de forma crítica a divisão sexual do trabalho, para isso partimos da abordagem de Joan W. Scott (1991), que define gênero como um elemento constitutivo das relações sociais, baseadas em diferenças entre os sexos, sugerindo que este conceito seja utilizado como uma categoria útil de análise.

As desigualdades entre homens e mulheres impostas pelos papéis ditos femininos e masculinos, culturalmente estabelecidos pelo patriarcado, formam relações de poder desiguais que se revelam em diferenças, sutis ou não, que perpetua a desigualdade, mesmo quando a igualdade está legalmente garantida.

Buscou-se na análise documental, dos currículos Lattes, os dados das mulheres docentes do universo pesquisado observando as seguintes informações: 1) Formação; 2) Titulação do docente no ano de ingresso na UFRPE; 3) Categoria Docente (Adjuntos, Associados, Titulares); 4) Publicações; e, 5) Orientações. Após a tabulação dos dados as informações



foram sistematizadas em gráficos e das tabelas. A dissertação de mestrado de Medeiros (2019) também servirá como base documental, haja vista sua relação direta com esta pesquisa: as informações utilizadas na construção do trabalho são originárias desta pesquisa.

Este artigo, portanto, deu continuidade ao que já foi feito, mas enfatizando, principalmente, a atividade acadêmica das mulheres, especialmente no período da pandemia de covid-19. Esta ampliação está fundamentada na literatura científica¹ sobre o tema, as quais apontam a diminuição de produção científica devido ao trabalho remoto realizado em casa e a divisão do tempo com o cuidado das crianças e/ou das pessoas idosas, além das atividades domésticas que, majoritariamente, são destinadas às mulheres, ainda que estejam com seus companheiros na mesma residência.

O conceito de *gênero*

Joan Scott (1995, p. 75), historiadora estadunidense, traz reflexões relevantes à discussão acerca do gênero, sendo, aliás, uma referência recorrente nos trabalhos da área. Fazendo um panorama das discussões sobre o assunto, da forma como é tratado ao longo da História, a autora revela que o termo “gênero” leva consigo a mesma carga semântica que “mulheres”. O termo, no entanto, foi aderido na tentativa de atribuir maior erudição e seriedade aos trabalhos, pois a expressão “mulheres” pode ser relacionada à luta feminista, que era vista com desagrado pela Academia majoritariamente masculina:

Nessa utilização, o termo "gênero" não implica necessariamente uma tomada de posição sobre a desigualdade ou o poder, nem tampouco designa a parte lesada (e até hoje invisível). Enquanto o termo "história das mulheres" proclama sua posição política ao afirmar (contrariamente às práticas habituais) que as mulheres são sujeitos históricos válidos, o termo "gênero" inclui as mulheres, sem lhes nomear, e parece, assim, não constituir uma forte ameaça. Esse uso do termo "gênero" constitui um dos aspectos daquilo que se poderia chamar de busca de legitimidade acadêmica para os estudos feministas, nos anos 80 (Scott, 1995, p. 75).

Em outra colocação, Scott destaca que “gênero” serve, inclusive, para efetuar a inclusão masculina na discussão, de modo a reforçar que as informações a respeito das mulheres são concernentes aos homens da mesma forma. É relevante pontuar que esse fato implica a existência do mundo das mulheres como parte do mundo dos homens, e, ademais, “que ele é criado nesse e por esse mundo masculino” (Ibid., p. 75). A autora também coloca que essa abordagem confronta diretamente as tentativas de isolar as duas experiências, como se uma, em nada, tivesse relação com a outra.

Scott define *gênero* dividindo-o em duas partes, sendo, então, introduzidas por axiomas no início de cada discussão. A primeira expõe que “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre o sexo” (Ibid., p. 86). A partir de tal afirmação, ela destaca quatro elementos que destrincham sua teoria: o primeiro se refere às representações advindas dos símbolos culturais, especialmente ligados à religião, como Maria e Eva, constituindo a imagem da mulher, além de outras caracterizações positivas e negativas, envolvendo mitos. Scott afirma que o essencial a ser analisado refere-se a qual representação é utilizada, mas, principalmente, o contexto do uso.

O segundo direciona-se aos “conceitos normativos que expressam interpretações dos significados dos símbolos, que tentam limitar e conter suas possibilidades metafóricas” (Ibid., p. 86). Para a autora, eles estão presentes em diferentes esferas, seja política, científica, jurídica ou religiosa. De qualquer modo, Scott reitera que tais aspectos se utilizam de uma *oposição binária fixa*, a qual “afirma de maneira categórica e inequívoca o significado do homem e da mulher, do masculino e do feminino” (Ibid., p. 86). A respeito disso, uma observação da autora revela-se pertinente, haja vista a sua exposição sobre a presença desses elementos normativos, no que tange à equivocada ideia de que são formadas pelo consenso e não pelo conflito. Scott explica:

Um exemplo desse tipo de história é dado por aqueles que tratam a ideologia vitoriana da domesticidade como se ela tivesse sido criada em bloco, e tivesse sido contestada apenas depois disso, invés de ser o objeto constante de grandes diferenças de opinião. Um outro exemplo vem dos grupos religiosos fundamentalistas atuais, que querem ligar necessariamente suas práticas à restauração do papel "tradicional" das mulheres, supostamente mais autêntico, embora, na



realidade, haja poucos antecedentes históricos que testemunhem a existência incontestada de um tal papel (Ibid., p. 87).

O terceiro aspecto refere-se ao aprofundamento das análises, adicionando uma visão que considere as questões políticas, bem como as organizações sociais e as instituições que têm relação com essa normatividade, pois, dessa forma, será possível encontrar a origem da repressão, que desencadeou nessa repressão binária de gênero. Nesse sentido, Scott faz ressalvas a teóricos que restringem a sua análise às relações de parentesco, pois deve-se ir além, analisar

o mercado de trabalho (um mercado de trabalho sexualmente segregado faz parte do processo de construção de gênero), a educação (as instituições de educação somente masculinas, não mistas, ou de coeducação fazem parte do mesmo processo), o sistema político (o sufrágio universal masculino faz parte do processo de construção do gênero) (Ibid., p. 87).

A autora, nesse sentido, reitera que o gênero se forma por intermédio das relações de parentesco, mas também se estende à organização política e econômica, configurando um processo ainda mais complexo e profundo. O quarto e último elemento dessa primeira parte está relacionado à identidade subjetiva. Scott leva em consideração a importância da psicanálise para entender esse processo de reprodução das representações simbólicas do gênero, de modo que haja uma mutação na sexualidade, ao mesmo tempo em que ocorre uma enculturação. A limitação desse viés diz respeito à universalidade da teoria e à desconsideração da História nesse processo.

As relações não se concretizam invariavelmente, tendo em vista que “os homens e as mulheres reais não cumprem sempre, nem cumprem literalmente, os termos das prescrições de sua sociedade ou de nossas categorias analíticas” (Ibid., p. 88). O trabalho a ser feito é analisar a conjuntura dos fatos, as especificidades que rodeiam o objeto. Para a autora, os melhores resultados desse método se deram pelas biografias, apesar de ser possível fazer uma reflexão com uma abordagem coletiva – mas não universal.

A segunda parte da teoria de Scott revela ainda mais particularidades da temática: “o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder. Seria melhor dizer: o gênero é um campo primário no interior do qual, ou por meio do qual, o poder é articulado” (Ibid., p. 88). Nesse caso, a autora faz questão de destacar que o gênero não se caracteriza como o único campo no qual o poder se manifesta, ao passo que é um ambiente de expressiva recorrência, em se tratando da representação do poder, especialmente em sociedades que seguem tradições islâmicas e judaico-cristãs. Uma observação de Maurice Godelier (1981), citada por Scott, mostra-se pertinente na composição do debate, pois realçam ainda mais o que foi dito até aqui:

(...) não é a sexualidade que assombra a sociedade, mas antes a sociedade que assombra a sexualidade do corpo. As diferenças entre os corpos, relacionadas ao sexo, são constantemente solicitadas a testemunhar as relações sociais e as realidades que não têm nada a ver com a sexualidade. Não somente testemunhar, mas testemunhar para, ou seja, legitimar (Scott, 1995, p. 89).

Pode-se perceber que tais apontamentos teóricos acerca do gênero estão ligados à condição da mulher na sociedade e ao modo como as construções simbólicas interferem nas relações sociais. Em especial, nas relações de trabalho, como profissionais acadêmicas, objeto desta pesquisa. Há espaços onde a presença da mulher é considerada estranha ou praticamente proibida, meramente por uma construção social, pois a capacidade de executar tarefas independe do gênero. Para esclarecer de forma satisfatória tais proposições, serão detalhadas as experiências da mulher pesquisadora e professora universitária, e como as relações de gênero se comportam durante sua vida.



A mulher na ciência

É necessário que se exponha, em outra colocação, as condições dadas à mulher para o exercício da sua profissão enquanto acadêmica e cientista. Flontino (2016) afirma que as mulheres, apesar de fazerem parte da ciência em termos históricos, nunca foi atribuído protagonismo na produção do conhecimento. Isso se deve ao fato de as educações destinadas a homens e mulheres serem díspares. Sobre isso, Louro (2011) observa:

Ainda que as agentes do ensino possam ser mulheres, elas se ocupam de um universo marcadamente masculino – não apenas porque as diferentes disciplinas escolares se constituíram pela ótica dos homens, mas porque a seleção, a produção e a transmissão dos conhecimentos [...] são masculinos (Flontino, 2016, p. 21).

Ademais, Flontino destaca que o pensamento predominante no século XIX e XX sobre essas questões frisavam a importância de educar a mulher, mas não instruir. Em outras palavras, a sua educação estava ligada a questões morais e formação de caráter, haja vista que o futuro praticamente certo para a mulher era uma vida como esposa e mãe somente. Essa mentalidade mostrava-se tão marcante que se pode notar no exemplo literário dado anteriormente, *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, pois uma personagem, Ismênia, enlouquece quando é abandonada pelo noivo e não lhe restou mais nada, já que, a ela e às mulheres, só seria reservada a possibilidade de definir suas vidas a partir do casamento.

Entretanto, mesmo com a possibilidade de estudar e receber instrução, e não somente a “educação para o lar”. encontram limitações sobre a escolha das áreas. Silva (2008, p. 4) explica detalhadamente essa situação, na qual se opõem as ciências da natureza e exatas e as humanas e sociais:

As primeiras, denominadas de “duras”, são as consideradas objetivas e, portanto, mais próximas da “verdade” e da confiabilidade no uso do seu método universal, por isso são reconhecidas como superiores e são estas as ciências que os homens “naturalmente” se ocupam. As segundas, denominadas de “moles”, tratam dos feitos humanos desde a complexidade inerente ao indivíduo àquela da dinâmica social e são mais “adequadas” às mulheres, ficando na segunda categoria.

Com isso, é possível afirmar que a divisão sexual do trabalho se torna presente, pois a profissão e a área de estudos são definidas, prioritariamente, com base no gênero, e não na capacidade intelectual e nos interesses pessoais do indivíduo.

Schienbinger (2001, p. 131) evidencia que as tentativas de deslegitimar a capacidade da mulher já foram embaçadas, inclusive, pela biologia, como algo natural, “sejam estas o calor e a secura do corpo (Aristóteles e Galeno), o tamanho do crânio (Le Bom), seleção natural e sexual (Darwin), hormônios (Edward Clarke), ou assimetrias cerebrais (Kimura)”. A autora, a partir disso, reitera que essas teorias são utilizadas para retratar uma diferenciação de gênero, reforçando uma suposta ausência de capacidade no raciocínio matemático e espacial da mulher, justificando sua inaptidão e desigualdade intelectual em relação ao homem nas áreas de engenharia e física, por exemplo.

Apesar disso, com o passar dos anos, segundo Queiroz (2001), as mulheres conquistaram espaços dentro de áreas historicamente masculinas, e, “mesmo em proporção reduzida, essa participação representa um avanço, pela possibilidade de ampliação desse pequeno ‘interstício’ aberto no território masculino” (Flontino, op. cit., p. 27). Essa transgressão de realidade, contudo, não está imune a novas dificuldades.

Para embasar tal informação, as considerações de Lima (2008) são fundamentais. A autora reforça a ideia de que a ciência é androcêntrica, pelo fato de essa posição dominante determinar o modo como se produz conhecimento. Este, nesse caso, deve ser “descorporificado”, tendo em vista que a mente é separada do corpo e é superior a qualquer outro elemento do ser humano: “A dicotomia corpo e mente operada na cultura científica também está relacionada com as representações sociais: do corpo associado ao feminino e da mente ao masculino” (Lima, 2008, p. 21). Com base nisso, a autora atesta a marginalização dos corpos e, principalmente, do feminino no exercício da ciência. Lima também afirma que a supressão da subjetividade é tida como requisito para a produção acadêmica, levando em consideração que



a objetividade associada ao masculino é a postura mais valorizada para um(a) cientista. Assim, os valores associados ao masculino, dos quais as mulheres são consideradas naturalmente desprovidas, são os adequados para produzir conhecimentos científicos (Ibid., p. 21).

Seguindo esse raciocínio, as mulheres devem afastar-se de qualquer referência à sua figura natural, aproximando-se ainda mais da figura masculina, para que, assim, as suas contribuições sejam validadas. Outro fato mencionado pela autora, relevante para a discussão, está ligado à necessidade de as mulheres mostrarem-se excepcionais em suas pesquisas e atuações profissionais, em se tratando das ciências da natureza e exatas, para que, da mesma forma, haja uma valorização de seu trabalho (p. 52).

Ainda segundo Lima, algo que está ligado diretamente a tais fatos é a existência de um “teto de vidro” no contexto das ciências naturais. Ele representa os obstáculos, não necessariamente visíveis ou regulamentados, que impedem a ascensão das mulheres em suas carreiras, principalmente relacionadas às ciências exatas. Este teto seria, portanto, a culminação das questões que foram levantadas acima – a hostilização das mulheres em seu ofício sob a justificativa de uma violência de gênero, afetando suas atividades e os espaços que podem ou não ocupar em suas vivências (p. 08).

Nesse sentido, com base no que foi falado até agora, torna-se imprescindível que tais discussões se expandam e atinjam a área do corpus escolhido: a pesca, também uma área associada comumente à figura masculina, mas com mulheres que atuam e se destacam, seja no mar ou na Academia. Assim, é fundamental entender as particularidades sociais que envolvem este campo, no intuito de compreender mais a fundo a manifestação das relações de gênero em um curso superior inserido na mesma temática.

Um breve histórico acerca da pesca a partir de um recorte de gênero

É imprescindível notar, para este novo tópico, que, predominantemente, os trabalhos que abordam a pesca e sua relação com o gênero são os únicos a atribuir à mulher pescadora um lugar de destaque. Percebe-se, na maioria das produções, exclusivamente uma figura masculina no protagonismo das comunidades pesqueiras. Isso, aliás, foi institucionalizado por várias décadas, a ponto de as mulheres pescadoras, como afirma Leitão (2019), não poderem, até o fim da década de 70, se registrar no quadro de trabalhadores das Colônias de Pescadores, que estavam sob poder da Marinha de Guerra.

Até em trabalhos da área, como o de Woortmann (1991), há questões que foram revisadas posteriormente, haja vista que, mesmo dando um espaço importante à mulher da comunidade pesqueira, ainda a tratava como coadjuvante do homem, uma complementação ao trabalho principal dele.

Nos dias atuais, há organizações de mulheres pescadoras que visam a conquista e manutenção de direitos, além de darem destaque à atuação delas dentro da pesca, desmistificando as limitações antes impostas.

De qualquer forma, o ambiente da pesca possui raízes nas quais a masculinidade é dominante, e, apesar de muitas adversidades já terem sido superadas, ainda é possível perceber o peso disso em algumas reminiscências ainda são percebidas. Sendo assim, é importante fazer um histórico do curso de Engenharia de Pesca da UFRPE acerca da presença de homens e mulheres, a partir de análise documental.

O perfil do corpo docente de Engenharia de Pesca (UFRPE)

Como pôde ser percebido, a pesca artesanal é considerada, historicamente, uma atividade masculina. Isso reflete diretamente no curso de Engenharia de Pesca, criado em 1970 como pioneiro na área, visto que é uma especialização do ofício. A participação de mulheres na docência se apresenta, até os dias de hoje, de forma minoritária. Isso ocorre porque este curso de graduação, como outros das ciências da natureza e exatas, representa um ambiente hostil às mulheres, se for analisado de uma perspectiva temporal ampla. Sobre isso, Soares (2014) relata que, durante o período



analisado, não houve colação de grau por mulheres em, pelo menos, onze semestres, inclusive em 2013, ano anterior à sua publicação.

A Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), como a maioria das universidades, foi criada a partir da concepção de mundo masculina e essa hegemonia prosseguiu durante muitos anos através do próprio corpo docente e da ocupação de seus cargos de poder, seja, reitor, pró-reitor, diretor ou coordenador. Menciona-se, com base nisso, que a primeira mulher a ocupar a reitoria foi a Profa. Dra. Maria José de Sena, em mandatos iniciados em 2012 a 2020. Exatamente um século após ser criada a célula *mater*.

Outro exemplo mais claro que Soares nos fornece em relação à Engenharia de Pesca e às mulheres é a resistência que um dos primeiros professores do curso relata possuir, no tocante à orientação de alunas, totalizando apenas três durante toda a sua atuação profissional. Para compreender essa mentalidade, deve-se transcrever uma fala do docente: “não costumo orientar mulheres pois são frágeis, emotivas (choram muito...) e ainda, mulher em barco traz azar nas pescarias” (Soares, 2014, p. 9).

Apesar disso, mesmo em minoria, as mulheres ocupam espaços, destinados, originalmente, a homens, provando que são capazes de exercer a função que escolherem, ao contrário da separação de profissões e áreas de interesse impostas institucionalmente. Algumas mulheres conseguiram superar essas barreiras e integrar, inclusive, o corpo docente de Engenharia de Pesca.

Com base em uma placa comemorativa relacionada aos cinquenta anos de curso, tornou-se possível o acesso à relação concernente a todo corpo docente, de 1970, ano de inauguração, até 2020. Durante toda a sua história, lecionaram no Departamento de Engenharia de Pesca (DEPAQ) dezoito mulheres, ao passo que a quantidade de homens é trinta e quatro.

Nesse sentido, a presença das mulheres representa 34,6% do total. Constata-se, portanto, que é um ambiente ainda masculino, apesar da gradual ocupação de mulheres, desconstruindo, assim, padrões de gênero.

Na pesquisa de Medeiros (2019), foi apurado, do período de 2014 a 2019, que o percentual de mulheres é de 25%. Esta pesquisa, aliás, serviu como base para nossas análises, pois, a partir dela, foi possível dar continuidade à discussão, direcionando o foco à produção das professoras. De modo que os trabalhos possam interligar-se adequadamente, é necessário que os dados de Medeiros sejam expostos, pois será possível compará-los com a situação atual investigada.

Atividades acadêmicas de docentes do DEPAQ-UFRPE (2014-2019)

Em outra colocação, é necessário pontuar que a dissertação de mestrado de Medeiros (2019) derivou-se desta pesquisa, referente, naquele momento, a outro recorte temporal. No entanto, seu alvo são todos os cursos que fazem parte das Ciências Agrárias na UFRPE: Agronomia, Medicina Veterinária e, nosso objeto de pesquisa, Engenharia de Pesca. Sobre os sujeitos de pesquisa a autora afirma que foram selecionados(as)

cinquenta (50) professores e vinte e oito (28) professoras dos departamentos de Agronomia, Medicina e Pesca e Aquicultura, da área das ciências agrárias da UFRPE em exercício, sem nenhum tipo de licença ou afastamento, no período de 2013 a 2018 (Medeiros, 2019, p. 39).

Em relação ao curso de Engenharia de Pesca, foram analisados os dados de quatro mulheres e oito homens. Os dados documentais deste trabalho serão essenciais para entender a situação de Pesca por um período maior, mais especificamente de 2014 ao primeiro semestre de 2019, e a análise da conjuntura atual seja adequadamente embasada.

O primeiro ponto a ser descrito refere-se às orientações. Os docentes homens realizaram cento e oitenta e quatro orientações, sendo noventa e sete de homens e oitenta e sete de mulheres. As docentes executaram setenta e duas orientações, divididas entre trinta e quatro de homens e trinta e oito de mulheres. Além disso, os professores, no período analisado, realizaram, ao todo, setenta e oito orientações de iniciação científica, sendo quarenta e sete alunos homens e trinta e uma alunas mulheres. As docentes executaram vinte e quatro orientações da mesma natureza, divididas entre catorze alunos homens e dez alunas mulheres.



Acerca da produção bibliográfica, os professores publicaram duzentos e oitenta e três artigos, duzentos e sessenta e sete resumos em anais de congressos e três trabalhos completos, estes últimos referentes a um único professor.

Já as docentes publicaram cento e oito artigos, cento e setenta e três resumos e seis trabalhos completos, estes últimos divididos entre duas professoras. Sobre o quesito das bancas, os homens somam quatrocentos e duas participações, enquanto as mulheres, cento e vinte e cinco.

A atividade das professoras do DEPAQ-UFRPE (2019-2021)

Como forma de ampliar a discussão já iniciada em anos anteriores, direcionou-se o foco à produção das professoras, de forma que todas fossem incluídas na análise, dando-lhes ainda maior visibilidade, além de abordar os dados de modo que suas minúcias sejam consideradas como parte da construção de pensamento. Nesse sentido, serão apresentadas informações referentes à atividade acadêmica das professoras pertencentes ao Departamento de Engenharia de Pesca (DEPAQ), do segundo semestre de 2019 ao primeiro semestre de 2021.

Como já foi explicitado, os pontos coletados dizem respeito a publicações, participações em banca, núcleos de pesquisa e orientações. Serão analisadas todas as professoras do departamento, oito ao todo. Para simplificar a identificação das docentes, cada uma será designada por uma letra. Nesse caso, do "A" ao "H".

O primeiro ponto analisado diz respeito às orientações executadas no recorte temporal analisado, sejam elas iniciadas ou concluídas. *A*, professora titular e docente da UFRPE desde 2000, realizou dezessete orientações, as quais se dividem em cinco mestrados, sete doutorados, uma iniciação científica, uma classificada como de outra natureza e duas supervisões de pós-doutorado. Dentre os(as) docentes, estão nove mulheres e oito homens.

B, professora titular e docente da UFRPE desde 2002, iniciou ou concluiu sete orientações ao todo: dois doutorados, um mestrado, duas graduações e duas iniciações científicas. Os(as) orientandos(as) dividem-se em dois homens e uma mulherⁱⁱ. *C*, que é professora titular e docente da UFRPE desde 1989, realizou sete orientações, divididas entre três doutorados, três mestrados e um trabalho de outra natureza. São as(os) docentes quatro mulheres e três homens.

D, professora adjunta e docente da UFRPE desde 2015, não executou nenhuma orientação no período estudado. *E*, professora adjunta desde 2019, esteve à frente de catorze orientações: doze classificadas como de outra natureza, uma iniciação científica e uma graduação. Fazem parte deste grupo nove mulheres e cinco homens. *F*, docente desde 2009, realizou sete orientações: três de graduação, uma supervisão de pós-doutorado e três de outra natureza. Cinco homens e duas mulheres fazem parte deste grupo.

G, professora associada, vinculada à UFRPE desde 2006, não orientou nenhum(a) docente no recorte temporal analisado. *H*, professora adjunta e docente da UFRPE desde 2015, realizou dezesseis orientações, que se dividem entre cinco graduações, três doutorados, cinco iniciações científicas e três mestrados. Neste grupo, estão sete homens e oito mulheresⁱⁱⁱ.

Tabela 1 - Número e Categoria Acadêmica das Orientações

	<i>A</i>	<i>B</i>	<i>C</i>	<i>D</i>	<i>E</i>	<i>F</i>	<i>G</i>	<i>H</i>
Mestrado	5	2	3	0	0	0	0	3
Doutorado	7	1	3	0	0	0	0	3
Pós-doc	2	0	0	0	0	1	0	0
Graduação	1	2	0	0	1	3	0	5
Iniciação científica	1	1	0	0	1	0	0	5
Outra natureza	1	0	1	0	12	3	0	0
Homens	8	2	3	0	5	5	0	7
Mulheres	9	1	4	0	9	2	0	8

Fonte: Plataforma Lattes/CNPQ, 2021. Elaboração Própria.



O próximo tópico a ser descrito refere-se às publicações. **A**, no período estudado, participou de vinte e cinco publicações, nas quais é coautora. Em nove trabalhos, a(o) primeira(o) autora/autor é um(a) de seus/suas orientandos(as), sendo oito orientações atuais e uma que foi finalizada antes da publicação. Vale destacar que, dentre os textos contabilizados, quinze são encabeçados por homens e dez, por mulheres. Outro fato que merece atenção está relacionado ao local da revista em que os artigos foram publicados: somente uma é nacional. As demais são europeias ou estadunidenses. Estes resultados demonstram resultados concretos das orientações realizadas e a inserção internacional desta produção docente e discente. Além disso, **A** publicou dois trabalhos completos em anais de congressos e vinte e cinco resumos.

B participou de três publicações: uma como primeira autora e duas como coautora, sendo, em um desses casos, sua orientanda a primeira autora. Destaca-se, nesse caso, que, em todos os textos a primeira autora é uma mulher. Em relação à nacionalidade das revistas, somente uma é brasileira também, o que, da mesma forma que os dados da docente anterior, demonstra a internacionalização da produção. **C** fez parte de oito publicações. Metade dessas tem um orientando como primeiro autor, todos homens. A outra metade também é composta quase totalmente por figuras masculinas, exceto por um texto em específico. Apenas duas, das oito publicações, foram em revistas nacionais, mantendo-se o perfil internacional da produção.

D está presente em três publicações como coautora. Dois textos foram publicados em revistas brasileiras, enquanto o restante compôs uma revista internacional. Na mesma relação proporcional, dois artigos tiveram, como primeira autora, uma mulher, e o terceiro, um homem. A produção de **E** ocorreu da mesma forma que **D**, em se tratando da quantidade de trabalhos e a participação feminina e masculina, salvo a ausência de revistas nacionais; nesse caso, apenas estrangeiras. Além disso, publicou nove resumos em anais de congressos.

F participou de três artigos publicados como coautora. Em sua totalidade, foram veiculados em revistas internacionais. Dois deles tiveram um homem como primeiro autor, e o outro, uma mulher. **G** publicou cinco vezes. Dois desses são trabalhos nos quais é a primeira autora. Nos três restantes, todos são homens. Todas as publicações foram realizadas em revistas internacionais. Além disso, publicou três resumos em anais de congressos.

H publicou oito artigos como coautora. Em três trabalhos, a(o) primeira(o) autora/autor é ou foi sua/seu orientanda(o). Esse número se repete quando se contabiliza o número de homens como primeiros autores. Duas publicações foram realizadas em revistas brasileiras, enquanto as outras são estrangeiras. Além disso, publicou nove resumos e um capítulo de livro. Um fato a ser destacado é que, somente em um trabalho, está presente mais de uma professora do DEPAQ. Trata-se, nesse caso, de **H** e **B**.

Tabela 2 - Publicações de Artigos

	A	B	C	D	E	F	G	H
Participou como autora	0	1	0	0	0	0	2	0
Participou como coautora	25	2	8	3	3	3	3	8
Orientando como primeiro autor	9	1	4	0	0	0	0	3
Revista nacional	1	1	2	2	0	0	0	2
Revista internacional	24	2	6	1	3	3	5	6

Fonte: Plataforma Lattes/CNPQ, 2021. Elaboração Própria.

Em seguida, são expostos os dados sobre a participação em bancas. **A** compôs onze bancas, sendo duas de doutorado, quatro de graduação, três de qualificação de mestrado e duas de qualificação de doutorado. **B** participou de oito bancas: três de mestrado, duas de graduação, uma qualificação de doutorado e duas qualificações de mestrado.



C fez parte de dezoito bancas, sendo oito de doutorado, seis de mestrado, duas de graduação e quatro de qualificação de doutorado. **D** não participou de nenhuma banca no período estudado. **E** compôs sete bancas: uma de mestrado, três de aperfeiçoamento e especialização, duas de graduação e uma de qualificação de mestrado.

F participou de vinte e seis bancas, sendo nove de mestrado, cinco de doutorado, seis de graduação e, também, seis de qualificação de mestrado. **G** não compôs nenhuma banca no recorte temporal pesquisado. **H** fez parte de onze bancas: duas de mestrado, duas de doutorado, quatro qualificações de doutorado e três graduações.

Tabela 3 – Participação em Bancas

	A	B	C	D	E	F	G	H
Graduação	4	2	2	0	2	6	0	3
Mestrado	0	3	6	0	1	9	0	2
Qualificação de Mestrado	3	2	0	0	1	6	0	0
Doutorado	2		8	0	0	5	0	2
Qualificação de doutorado	2	1	4	0	0	0	0	4
Aperfeiçoamento e especialização	0	0	0	0	3	0	0	0

Fonte: Plataforma Lattes/CNPQ, 2021. Elaboração Própria.

Os núcleos de pesquisa merecem, da mesma forma, destaque, pois revelam a atuação das docentes. **A** faz parte de três núcleos; **B**, igualmente; **C**, um núcleo; **D** compõe dois núcleos; **E**, três núcleos; **F**, um; **G**, da mesma forma e **H**, dois núcleos. Um fato que chamou a atenção é que, em um grupo específico, estão presentes cinco professoras do departamento: **B**, **D**, **E**, **F** e **H**, representando, assim, uma participação expressiva. Em outros dois núcleos há uma coincidência semelhante, pois, em um, **B** e **G** participam juntas, e, em outro exemplo, **H** e **B** estão juntamente inclusas – que publicaram um artigo em conjunto, como já explicitado.

Tabela 4 - Participação em Grupos de Pesquisa

Docente	Núcleo de Pesquisa	Instituição
A	Oceanografia Pesqueira	UFRPE
A	Biologia e pesca de crustáceos decápodos	IFPB
A	BIOIMPACT - Laboratório de Estudos de Impactos Antrópicos na Biodiversidade Marinha e Estuarina	UFRPE
B	Aquicultura Marinha	UFRPE
B	Maricultura sustentável	UFRPE
B	Genética e sanidade de organismos aquáticos importantes na aquicultura e pesca do Nordeste	UFRPE
C	Dinâmica de Populações e Avaliação de Estoques Marinhos - DIMAR	UFRPE
D	Maricultura sustentável	UFRPE
D	Microbiologia: diversidade e bioprospecção de microrganismos da Caatinga	UFRPE
E	Maricultura sustentável	UFRPE



<i>E</i>	Cultivo de camarões de água doce	UNESP
<i>E</i>	Pesquisas em Aquicultura e Pesca de Organismos Tropicais - PAPOT	UNIR
<i>F</i>	Maricultura sustentável	UFRPE
<i>G</i>	Aquicultura Marinha	UFRPE
<i>H</i>	Maricultura sustentável	UFRPE
<i>H</i>	Genética e sanidade de organismos aquáticos importantes na aquicultura e pesca do Nordeste	UFRPE

Fonte: Plataforma Lattes/CNPQ, 2021. Elaboração Própria.

Como pode ser observado acima, além do que já foi colocado, um ponto específico se destaca, referente a tais núcleos. Nesse caso, é a presença de três instituições pertencentes a outros estados do Brasil: Paraíba, Rondônia e São Paulo. Isso demonstra uma cooperação interinstitucional e inter-regional das professoras *A* e *E* com outras(os) pesquisadoras(es), pois fomenta o diálogo entre universidades e amplia o alcance do conhecimento.

Ponderações acerca dos dados

Sobre os dados coletados, um ponto específico chamou atenção. Se compararmos os dados de publicação, em relação à pesquisa de Medeiros (2019), especialmente quando se trata de resumos em congressos, percebe-se que o número diminuiu de forma considerável. Os que foram publicados e contabilizados nesta pesquisa relativos a quatro docentes, no entanto, referem-se ao segundo semestre de 2019 e o início de 2020. Isto é, antes da pandemia global de covid-19. Isso quer dizer que o isolamento social e o afastamento do cotidiano universitário foram empecilhos diretos para a divulgação de conhecimento em congressos, de modo que a produção deste gênero literário praticamente zerou.

Não obstante a essa redução e à emergência sanitária no mundo inteiro, a produção de artigos revelou-se ativa, pois houve a publicação de cinquenta e oito artigos em dois anos – um número expressivo, dadas as condições. Entre inícios, continuações e conclusões, é importante relatar que foram realizadas cinquenta e nove orientações, inclusive de mulheres que, em breve, como já foi dito, também farão parte do corpo docente de Pesca. A iniciação científica também fez parte da atividade das docentes, mesmo que em número reduzido, nove ao todo.

O número de bancas mostrou-se substancial, pois, em cinco anos (2014-2019) houve cento e vinte e cinco participações no total, ao passo que, em dois anos, o número alcançou a marca de oitenta e uma presenças em bancas. A comparação com os anos anteriores, deve-se dizer, é realizada com uma diferenciação de tempo crucial: três anos.

Nesse sentido, pode-se afirmar que a atividade acadêmica das docentes se potencializa e toma proporções ainda maiores, podendo superar, até mesmo, os dados anteriores. A igualdade com os dados dos professores homens, todavia, será concretizada quando houver uma equiparação, no que tange à quantidade de mulheres e homens no departamento.

Os núcleos de pesquisa demonstram uma possível colaboração entre as docentes, principalmente no denominado “Maricultura Sustentável”, no qual estão presentes cinco das oito professoras. A cooperação, nesse caso, pode servir como um alicerce, no tocante à ocupação de espaços hostis à presença de mulheres, como é o caso dos cursos de ciências da natureza e exatas. Sobre isso, é imprescindível retomar as definições de Silva (2008), já citada anteriormente: existem as ciências duras, referentes às da natureza e exatas, e as moles, que são as humanas e sociais. As primeiras, relacionadas diretamente à figura masculina e as segundas, à mulher.

Nesse sentido, as mulheres, ainda assim, insistem em romper com a tradição da divisão sexual do trabalho. Contudo, o ambiente de um curso de engenharia não é visto como natural pelos indivíduos conservadores, o que pode ser um problema para as mulheres. Como estão em posição minoritária, a partir do momento em que se unem, suas ações se fortalecem e se estendem a outras mulheres, a fim de que deem continuidade futuramente.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, deve-se notar que, cada vez mais, as mulheres ocupam os espaços designados anteriormente com exclusividade aos homens, como é o caso das ciências exatas e da natureza. A comparação da produção entre homens e mulheres realizada por Medeiros (2019), bem como a ampliação proposta por esta pesquisa, serviram para mostrar que, apesar da desigualdade, no que tange às oportunidades de explorar seu potencial, as mulheres, na prática acadêmica, revelam que se aproximam, ainda que paulatinamente, do privilégio masculino.

A presença de mulheres como discentes do curso, tanto em graduação, mas também no mestrado e doutorado, ainda que persista em ocorrer de forma minoritária, é, ainda assim, um fato a ser levado em consideração, visto que, futuramente, podem compor o corpo docente, aumentando ainda mais a representatividade nesse âmbito.

Os dados que foram coletados e analisados revelam uma atividade das mulheres numericamente inferior à dos homens em números absolutos. Contudo, deve-se notar que uma das causas disso se refere ao fato de que DEPAQ ainda possui um ambiente masculinizado, contendo professoras de forma minoritária. No entanto, apesar de a produção dos homens ainda ser mais volumosa por tal questão quantitativa do corpo docente, as professoras demonstram uma atividade consistente que, se ocorresse em termos de igualdade no quadro de profissionais, poderia igualar ou até superar a dos homens.

Deve-se notar, no entanto, que tais diferenciações estão ligadas diretamente à reminiscência de uma histórica violência de gênero, que impediu, por muito tempo, as mulheres de seguir determinadas carreiras. Mesmo com avanços e alguns espaços ocupados, o chamado “teto de vidro” ainda impede que alcancem determinados lugares dentro das possibilidades que são ofertadas também aos homens. Como foi falado durante o artigo, as mulheres precisam mostrar certa excepcionalidade para garantir o prestígio e respeito dos pares. Isto ficou claro no caso da docente **A**, visto que a quantidade de artigos, 25, representa algo, de fato, expressivo, considerando, ainda, que o período pandêmico foi contabilizado.

Além disso, enquanto os homens ficam com as ocupações que se localizam do lado de fora da casa, as mulheres ainda precisam lidar, na maioria das vezes sozinhas, das atividades domésticas ou, em resumo, atividades de cuidado, seja do ambiente ou de pessoas. Aos homens, é permitida a existência como pessoa comum, que trabalha e volta para sua casa, mas as mulheres são niveladas como sobre-humanas, que além de trabalhar e se esforçar para alcançar uma posição de destaque, ainda precisam voltar para casa e tomar sozinhas as rédeas do domicílio.

Por fim, destaca-se que este trabalho e outros que tratam do mesmo tema devem servir para problematizar tais questões e incentivar a produção de novos conhecimentos, refletindo sobre a situação da mulher em diversos contextos, a fim de que, a partir disso, cada vez mais, haja medidas para fortalecer o combate à desigualdade de gênero.

REFERÊNCIAS

- ALMEDA, M. C. F. C. de. A Mulher e a Profissão Agrônoma. *Revista de Agricultura*, Diretório Acadêmico do Curso de Agronomia, v.1, n. 1, 1947. p. 53-54.
- BANDEIRA, L. *Brasil: Fortalecimento da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres - Avançar na transversalidade da perspectiva de Gênero nas Políticas Públicas*. Brasília, CEPAL, SPM, 2005.
- CARVALHO, M. E. P.; RABAY, G.; SILVA, L., B. da. Carreiras Docentes de Mulheres em Departamentos Masculinos: Mudanças Geracionais. Florianópolis, *Fazendo Gênero 10*, UFSC, 2012.
- COSTA, M. da C. Ainda Somos Poucas: Exclusão e Invisibilidade na Ciência. *Cadernos Pagu* (27), julho-dezembro de 2006, pp.455-459.
- CRUZ, M. H. S. *Mapeando Diferenças de Gênero no Ensino Superior da Universidade Federal de Sergipe*. Aracaju, Editora UFS, 2012.



- FAUSTO-STERLING, A. *Teaching aids: Focus on Women and Science*. Course Close Up: The biology of gender. *Women's Studies Quarterly* 10 (2), 1982, pp.17-19.
- FLONTINO, S. R. D. *Profissão para homem? A escolha feminina por cursos de recrutamento majoritariamente masculino na UFMG*. Belo Horizonte: UFMG, 2016.
- FOX, E.; LONGINO, H. (eds.) *Feminism and science*. New York, Oxford University Press, 1996, pp.264-79.
- GIBNEY, E. Women-under-represented in world's science academies. *Nature* (Online) February, 2016.
- GODELIER, M. *The Origins of Male Domination*. *New Left Review* (1981) 127:17.
- HARAWAY, D. *Primate Visions: Gender, Race, and Nature in the World of Modern Science*. New York, Routledge, 1989.
- HARDING, S. *Ciência y Feminismo*. Madri, Morata, 1996.
- KELLER, E. F. *Developmental Biology as a Feminist Cause?* *Osiris*, vol. 12, 1997, pp. 16-28.
- KELLER, E. F. *Reflexiones sobre Género y Ciencia*. Tradução de Ana Sánches. Valencia: Ed. Alfons el Magnànim, 1991.
- LEITÃO, M. do R. de F. A. Memórias, mulheres e poder na presidência das colônias de pescadores/as em Pernambuco. In: *Cultura: conceito sempre em desenvolvimento*. Org: Solange Aparecida de Souza Monteiro. Ponta Grossa: Atena Editora, 2019.
- LETA, J. *As mulheres na ciência brasileira: crescimento, contrastes e um perfil de sucesso*. *Estudos Avançados* 17 (49), São Paulo, 2003, pp. 271-283.
- LIMA, B. S. *Teto de vidro ou labirinto de cristal? As margens femininas das ciências*. Brasília: UNB, 2008.
- LOPES, M. M. "Aventureiras" nas Ciências. In: *cadernos Pagu* (10), 1998: pp.345- 368.
- LOURO, G. L. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 12 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- MEDEIROS, G. M. da H. *Discurso de mulheres docentes das ciências agrárias na UFRPE*. Recife: UFRPE, 2019.
- QUEIROZ, D. M. O acesso ao ensino superior: gênero e raça. *Caderno CRH*, nº34, p. 175 – 197, Jan/Jun, 2001 (Comunicação).
- SCHIEBINGER, L. *O feminismo mudou a ciência?* Bauru, SP: EDUSC, 2001.
- SCOTT, J. W. *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*. Recife: SOS Corpo, 1991.
- SILVA, E. R. da. A (in)visibilidade das mulheres no campo científico. *Revista HISTEDBR On-line*, Campinas, n.30, p.133-148, jun. 2008.
- SILVA, E. B. Des-construindo Gênero em Ciência e Tecnologia. In: *Cadernos Pagu* (10), 1998, pp.7-20.
- SOARES, M. do C. F. *Relações de Gênero na Engenharia de Pesca*. Recife: UFRPE, 2014.
- STANISÇUASKI, F. et al. *Gender, race and parenthood impact academic productivity during the COVID-19 pandemic: from survey to action*. Lausanne: *Frontiers in Psychology*, v. 12, 2021.
- WOORTMANN, E. F. *Da complementaridade à dependência: a mulher e o ambiente em comunidades pesqueiras do Nordeste*. Série Antropologia. Brasília, 1991.

NOTAS

ⁱ STANISÇUASKI, F. et al. *Gender, race and parenthood impact academic productivity during the COVID-19 pandemic: from survey to action*. Lausanne: *Frontiers in Psychology*, v. 12, 2021.

ⁱⁱ Esta aluna concluiu o mestrado e iniciou o doutorado em seguida.

ⁱⁱⁱ Uma aluna concluiu a graduação e ingressou no mestrado em seguida.

